



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

LUCY HELENA FERNANDES ALVES

**É POSSÍVEL APRENDER INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA:
UMA EXPERÊNCIA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGERA E
A CULTURA DIGITAL**

GUARABIRA – PB
2014

LUCY HELENA FERNANDES ALVES

**É POSSÍVEL APRENDER INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA:
UMA EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGERA E
A CULTURA DIGITAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof.^a Ma. Luana Francisleyde Pessoa de Farias

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474p Alves, Lucy Helena Fernandes.

É possível aprender inglês na escola pública [manuscrito] : uma experiência sobre o ensino de língua estrangeira e a cultura digital / Lucy Helena Fernandes Alves. - 2014.

58 p. não

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Luana Francisleyde Pessoa de Farias, Departamento de Letras".

1. Ensino da língua inglesa. 2. Cultura digital. 3. Novas tecnologias na educação. I. Título.

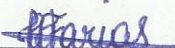
21. ed. CDD 420

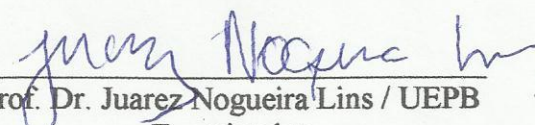
LUCY HELENA FERNANDES ALVES

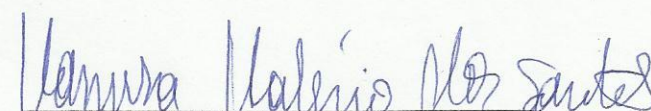
**É POSSÍVEL APRENDER INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA:
UMA EXPERIÊNCIA SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGERA E
A CULTURA DIGITAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 06 / 12 / 2014.


Prof.^a Ma. Luana Francisleyde Pessoa de Farias / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins / UEPB
Examinador


Prof.^a Ma. Vanusa Valério dos Santos / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, exemplos de dedicação e coragem, pelo apoio e incentivo incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela grandiosidade de bênçãos que me proporciona, por todas as vitórias alcançadas e principalmente pelos momentos de dificuldade que fortaleceram meu aprendizado e levaram-me a ter a determinação necessária para concluir mais uma etapa de minha vida.

Ao meu pai e amigo, Rivando Alves da Silva, parceiro incondicional que me apoia sempre e não mede esforços para a realização de meus sonhos, o meu muito obrigada.

A minha mãe, companheira de estudos, trabalho e principalmente minha amiga, Margarida Maria Fernandes Alves, que é um exemplo de determinação, força e perseverança. Anjo que Deus deixou em minha vida, sempre presente e que também me apoia de forma incondicional para conclusão de todas as etapas de minha vida.

A minha irmã, Laise Caroline Alves, e meu irmão, Álvaro Gabriel Alves, por torcerem e partilharem desse momento especial em minha vida.

À professora Ma. Luana Francisleyde Pessoa de Farias, pela paciência, dedicação, colaboração e motivação, que foram fundamentais para realização dessa pesquisa.

Aos meus colegas de sala de aula e de trabalho, que partilharam comigo preciosos conhecimentos.

Aos gestores da E.E.E.F.M. José Rocha Sobrinho, os quais foram fundamentais proporcionando o suporte necessário para realização dessa pesquisa.

Aos meus queridos alunos do Curso de Línguas JRS, os quais embarcaram comigo na aventura do conhecimento. Demonstrando interesse, determinação e persistência em participar desse projeto.

E finalmente a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para realização desta pesquisa.

**“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”
Paulo Freire**

RESUMO

O presente estudo tem como meta relacionar o ensino desta Língua Estrangeira (LE) com a cultura digital, de forma a investigar até que ponto essa cultura pode favorecer ou dificultar o processo de ensino aprendizagem. Com ênfase no ensino comunicativo e relacionado com as propostas dos documentos oficiais como LDB, PCNs e OCEM, objetivamos, com a referida pesquisa, verificar como a cultura digital pode contribuir ou dificultar o aprendizado nas aulas de inglês na escola pública. Utilizamos, como principais suportes teóricos, autores como Almeida Filho (2002), Kalva e Ferreira (2010), Masetto (1997), Holden & Rogers (2001), Freeman (2008), Kenski (1997), Mercado (1998), entre outros. E mediante as reflexões por eles apresentadas, levantamos uma discussão sobre a importância da utilização das novas tecnologias para desenvolvimento do aprendizado do inglês. Para tanto, apresentamos como suporte metodológico o uso das mais diversas mídias, como *data show*, *tablets*, *vídeo*, *áudios*, como também a utilização do aplicativo *Duolingo*. A proposta metodológica foi aplicada em uma turma piloto com alunos do 1º e 2º ano do ensino médio em um curso de idiomas, a partir da qual se comprovou o desenvolvimento do aprendizado da língua inglesa quando aliado às novas tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. Cultura Digital. Novas Tecnologias.

A B S T R A C T

This treatise aims to relate a foreign language's (LE) teaching with digital culture, in order to investigate how culture can further or hinder the teaching and learning process. With emphasis on communicative teaching and related with proposals official documents as LDB, PCNs and OCEM , we aim in this research, ascertain how digital culture can further or hinder English learning at public schools. We resort, as theoretical supports we resort some authors, such as Almeida Filho (2002), Kalva and Ferreira (2010), Masetto (1997), Holden & Rogers (2001), Freeman (2008), Kenski (1997), Market (1998), among others. According to reflections presented by them, raised a discussion about the using new technologies' importance for development learning English. Presenting like methodological support the use of medias various such as data show, tablets, video, audio, as well as the use of Duolingo application. The methodology was applied in a pilot class with students of 1st and 2nd year of high school in a languages course, which proved to be favorable to English learning development.

KEYWORDS: English Language. Digital Culture. New Tecnologies.

LISTA DE SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LE	Língua Estrangeira
OCEM	Orientações Curriculares para o Ensino Médio
PCNs de LE	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira
PCNEM	Parâmetros Curriculares do Ensino Médio

LISTA DE TABELAS

Quadro I	Modos de ensino: papel do professor/ aluno	38
-----------------	---	-----------

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1	Sala de Vídeo da E.E.E.F.M. José Rocha Sobrinho.....	40
Fig. 2	Página do facebook	41
Fig. 3	Aplicativo Duolingo	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ENSINO DO INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL.....	16
2.1	Concepções teórico-metodológicas do ensino de uma língua estrangeira.....	22
3	NOVAS TECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E O PAPEL DOCENTE.....	28
3.1	Novas Tecnologias na Educação.....	29
3.2	Papel do docente frente às novas tecnologias na educação.....	33
4	O ENSINO DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA COM O CURSO DE INGLÊS JRS.....	39
4.1	Caracterização da pesquisa.....	39
4.2	Discussão	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6	REFERÊNCIAS	49
7	ANEXOS	52

INTRODUÇÃO

O espaço escolar pode ser compreendido como uma instância na qual diversos discursos se relacionam, possibilitando assim o desenvolvimento dos indivíduos. Entende-se por sala de aula um espaço de convivência, onde há uma troca de saberes por parte dos professores e alunos. Considerando que é função da escola discutir sobre temas recorrentes na sociedade, como forma de motivar e instigar o processo de ensino-aprendizagem, o presente estudo visa relacionar o ensino desta Língua Estrangeira (LE) com a cultura digital, de forma a investigar até que ponto essa cultura pode favorecer ou dificultar esse processo.

No contexto atual do ensino, é perceptível a dificuldade de trabalhar os conteúdos escolares pela falta de interesse dos alunos por temas julgados pelos mesmos desinteressantes por não fazerem parte de seu universo. Diante dessa necessidade de motivar e manter os alunos com foco na aprendizagem, investigar o papel social da escola na era tecnológica, bem como conhecer relação do mundo digital com o ensino de Língua Inglesa no ensino médio, faz-se relevante.

A Cultura Digital faz parte do cotidiano não apenas dos educandos, como também dos docentes, funcionando assim como uma forma de junção de mundos. Para “a nova geração”, imersa na cultura digital, a prática de temáticas que fazem parte do cotidiano são de extrema importância, pois é uma forma de motivar e manter os alunos com foco na aprendizagem.

Na era tecnológica, o uso do Inglês é um instrumento importante para interação com o computador, pois possibilita o acesso e facilita o processo de leitura do aprendiz ou usuário. De acordo com os PCNs (1998, p. 38), “o Inglês dá acesso à ciência e às tecnologias modernas, à comunicação intelectual, ao mundo dos negócios e outros modos de se conceber a vida humana”. Isso acontece devido esta língua ser a mais falada em todo o mundo e estar presente em computadores, no mundo dos negócios, na comunidade internacional, enfim, em diversas partes.

Considerando que a Cultura Digital está intimamente relacionada ao universo da sala de aula, em especial às aulas de Língua Inglesa, o estudo dessa cultura é relevante devido à maioria dos termos do universo da Informática ser provenientes da língua inglesa e grande parte deles estarem incorporados à Língua Portuguesa, estando inclusive dicionarizados. Dessa forma, o estudo da cultura digital é necessário, pois é uma forma de despertar interesse do educando para o ensino mais significativo.

A Cultura Digital faz parte do cotidiano não apenas dos educandos, como também dos docentes, tornando-se algo indissociável. É perceptível a influência dessa cultura digital no

ambiente escolar, no entanto, indagamos: até que ponto essa relação favorece o processo de ensino aprendizagem? Como se dá o ensino de Língua Estrangeira nesse contexto? É favorecido ou apresenta desafios?

Objetivamos com a referida pesquisa desenvolvida com alunos de Língua Inglesa do primeiro e segundo ano do ensino médio verificar como a cultura digital pode contribuir ou dificultar o aprendizado nas aulas desse idioma. Mais especificamente, observar como as novas tecnologias de informação e comunicação podem ser integradas nesse contexto, de forma a investigar até que ponto o acesso às novas tecnologias pode contribuir para ampliar os conhecimentos dos educandos. Também será analisado como a metodologia do ensino comunicativo pode proporcionar o aprendizado de um novo idioma.

Além de fundamentarmos nossa pesquisa nos documentos oficiais, como a LDB¹ (1996), os PCN²s de LE (1998), PCNEM³ (1999), PCN+⁴ (2000) e OCEM⁵ (2006), que regem a educação do país, também utilizamos como base teórico-metodológica os seguintes autores: Almeida Filho (2002) e Kalva e Ferreira (2010), que nos ajudaram a compreender o objetivo de se aprender uma língua estrangeira; Masetto (1997) e Holden & Rogers (2001), os quais nos fizeram refletir sobre a importância de se discutir no ambiente escolar conteúdos que se mostrem significativos para a realidade do educando; Lightbowy e Spada (1999) e Freeman (2008), que destacaram as principais correntes teórico-metodológicas do ensino de línguas; além Kenski (1997) e Mercado (1998), os quais justificam o uso e a importância das novas tecnologias na educação.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo realizada a partir da ministração de aulas no contexto comunicativo e uso das mais diversas mídias, como *data show*, *tablets*, *vídeo*, *áudios*. Nesse sentido, também foi observado como o aplicativo *Duolingo*, o qual pode ser instalado no celular, pode favorecer ou não, destacando-se como desafio ou possibilidade para ampliação do aprendizado.

O presente estudo está dividido em três capítulos. Inicialmente será apresentada uma visão geral sobre o ensino de inglês no Brasil, destacando seu histórico, as leis que amparam sua incorporação no ensino regular. Além de enfatizar as concepções teóricas e métodos de ensino aprendizagem de uma LE. Em seguida, traremos uma visão ampla em relação às novas tecnologias inseridas na educação, mostrando seu histórico, seu papel na educação, bem como

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

² Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira.

³ Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

⁴ Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

⁵ Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

a função docente nesse contexto educativo. Ao final desse estudo, apresentaremos um relato de experiência elaborado a partir das aulas ministradas com alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio da E. E. E. F. M. José Rocha Sobrinho, localizada na cidade de Bananeiras-PB.

2 ENSINO DO INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NO BRASIL

A educação passou por várias mudanças ao longo dos anos, entre elas destacamos o direito à educação formal, antes privilégio apenas das pessoas que possuíam um alto poder aquisitivo. No entanto, embora seja visível seu progresso, a busca por um ensino de qualidade ainda está em processo de construção, o almejado ensino, que objetiva formar educandos capazes a ingressar no mercado de trabalho, mostra-se um dos principais desafios enfrentados pela educação na atualidade.

Vivemos em um mundo marcado por progressos científicos e avanços tecnológicos, que exige, cada vez mais, dos jovens o ingresso nesse mercado. Devido a isto, as escolas, públicas e privadas, tiveram uma alteração no currículo de modo a incluir disciplinas e conteúdos que levassem os alunos a entrar, bem preparados, no mundo do trabalho. A inclusão de uma LE no ensino fundamental, por exemplo, foi uma das modificações ocorridas no currículo escolar, estando assegurada na LDB nº 9.394/96, nos Parâmetros Curriculares Nacionais em todas as suas versões: PCN (1998), PCNEM (1999), PCN+ (2000) e pelas OCEM (2006).

Os PCNs de LE justificam a inclusão desse componente no ensino fundamental afirmando que “A aprendizagem de uma Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção como ser humano e como cidadão” (1998, p. 15). Isso acontece devido o espaço educativo ser o ambiente propício para aprendizagem e a troca de experiências entre todos que compõe o círculo educativo, como professores, alunos, gestores, pais etc.

A Nova Escola, na edição 214 de 08/2008, traz um breve histórico da inclusão de uma LE no currículo escolar. Segundo o artigo de Polonato e Menegueço (2008), foi em 1808 com a chegada da família real que uma LE (inglês) foi introduzida oficialmente no currículo. Contudo, até 1889, depois da proclamação da República, o inglês ainda era de caráter opcional. Foi apenas no final do século XIX que essa língua se tornou obrigatória no currículo escolar. Em 1942, por exemplo, no governo Getúlio Vargas, o inglês juntamente com o latim e o francês eram matérias obrigatórias do antigo ginásio. Em 1961, a LDB vigente retirou a obrigatoriedade do ensino de LE deixando a cargo do estado sua inclusão ou não nas séries do ginásio. Anos mais tarde, com a resolução 58/76, o ministério da educação em 1976 retoma a obrigatoriedade do inglês como LE no colegial. E em 1996, com a retificação da LDB nº 9.394/96, a LE tornou-se obrigatória a partir da quinta série. Três anos depois, com a publicação dos PCNs voltados para o ensino fundamental foi enfatizado os objetivos dessa disciplina no currículo, apresentando assim uma abordagem sociointeracionista. Nos anos

subsequentes, foram publicados documentos referentes ao ensino médio. Segundo dados do Ministério da Educação, em 1999 foi publicada uma edição dos PCNEM voltada para o Ensino Médio, com o intuito de destacar uma visão mais ampliada sobre as atribuições do novo ensino médio, bem como propor uma reforma curricular, a qual estabelece a divisão do conhecimento escolar em três áreas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza; Matemática e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e suas Tecnologias. A área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias destaca

[...] as competências que dizem respeito à constituição de significados que serão de grande valia para a aquisição e formalização de todos os conteúdos curriculares, para a constituição da identidade e o exercício da cidadania. [...] é importante destacar que o agrupamento das linguagens busca estabelecer correspondência não apenas entre as formas de comunicação – das quais as artes, as atividades físicas e a informática fazem parte inseparável – como evidenciar a importância de **todas** as linguagens enquanto constituintes dos conhecimentos e das identidades dos alunos, de modo a contemplar as possibilidades artísticas, lúdicas e motoras de conhecer o mundo. (BRASIL, 1999, p. 92.)

Nessa perspectiva, almeja-se o desenvolvimento da linguagem, de modo a utilizá-la em diferentes situações e contextos. Além disso, a presença das tecnologias nesse contexto permite uma maior visualização destes saberes no mundo do trabalho. Em 2000, com o PCN+, o enfoque na interdisciplinaridade nas áreas de conhecimento ficou ainda mais visível. Elencou-se, entre outras questões, a necessidade de atualização da educação brasileira. Na área de linguagem, por exemplo, afirma-se que

[...] o caminho a percorrer vai da compreensão e do uso particular das linguagens específicas empregadas nas práticas de cada disciplina à compreensão e à análise da faculdade humana de construir e utilizar a linguagem [...] entender que a língua materna gera significação para a realidade e fundamenta a identidade cultural não é uma competência desvinculada do estudo contrastivo entre a Língua Portuguesa e a Língua Estrangeira que integra o currículo da escola. [...] Entender que essas linguagens revelam uma visão específica de mundo é extrapolar a compreensão dos conceitos que fazem parte dos conteúdos particulares de cada disciplina. É articular conhecimentos disciplinares e, conseqüentemente, aprofundar a compreensão do conceito amplo de linguagem. (BRASIL, 2000, p. 26)

Assim, o conhecimento das disciplinas pertencentes a cada área, sua relação com áreas afins e sua perspectiva interdisciplinar são pontos fundamentais para os docentes ampliarem o conceito de linguagem e conseqüentemente instigar nos discentes a necessidade de adquirir e desenvolver as competências necessárias a cada área de conhecimento.

Seis anos após a publicação dos PCN+, em 2006 foi lançada a OCEM, a qual propôs sugestões de procedimentos pedagógicos adequados às transformações socioculturais do mundo contemporâneo. Para tanto, esse documento aprofunda a discussão sobre alguns pontos presentes nos PCN+, como por exemplo, a especificação das atribuições das disciplinas presentes nas áreas de conhecimento. Expondo assim, algumas alternativas didático-pedagógicas necessárias para se alcançar as necessidades e expectativas das escolas e dos docentes frente à estruturação de currículo para o ensino médio que atinja os discentes, de modo a prepará-los para ingressar no mercado de trabalho.

Com relação à inclusão de uma LE no currículo, vários são os critérios utilizados para sua escolha, entre eles, podemos destacar: o ‘fator histórico’, que faz referência ao papel hegemônico da língua; ‘fatores relativos à comunidade local’, como a convivência com imigrantes, indígenas, entre outros; ‘fatores relativos à tradição’, neste pode-se destacar o papel que determinadas LE exercem nas relações culturais entre os países; como também pode se considerar o ‘fator socioeconômico’. Em nosso país, levaram-se em consideração, principalmente, os fatores históricos e o socioeconômico ao adotar o Inglês como LE no currículo da maioria das escolas públicas e privadas.

A globalização estreitou os espaços geográficos como conhecíamos até então e fez com que o encontro entre pessoas de países e identidades diferentes se tornasse mais fácil, e para tanto uma língua comum foi estabelecida: o inglês. E não foi por acaso a escolha dessa língua; em outros tempos o latim e o francês foram línguas usadas amplamente, entretanto não tiveram a mesma expansão que a língua inglesa, por um lado devido a motivos econômicos e sociais, primeiro pela colonização inglesa e depois pelo império econômico americano e outro foi o avanço tecnológico, o qual fez com que o inglês rapidamente se espalhasse pelo mundo. (KALVA e FERREIRA, 2010, p. 03)

O ensino de LE no Brasil é obrigatório a partir do 3º e 4º ciclo do ensino fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano, seguindo até o ensino médio. Em escolas privadas, observa-se que o ensino de LE começa no 1º e 2º ciclos.

Como é sabido, o Ensino Médio é a etapa final da educação básica e, entre outras funções, objetiva desenvolver competências que situem o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho. Caracteriza-se por preparar os educandos para o prosseguimento de estudos e habilitá-los para o exercício de uma profissão. Dessa forma, o aprendizado de uma LE faz-se relevante, uma vez que é parte constituinte desse processo. Lima (2009, p. 162) afirma que “A língua estrangeira é um componente essencial para educação básica dos brasileiros e precisa ser considerada como uma área de conhecimento tão importante tanto quanto outra qualquer.” E, para tanto, a capacitação e a disponibilidade de material didático adequado se fazem necessários.

Quanto à importância de se incluir uma LE no currículo escolar, Almeida Filho (2002, p. 11) salienta que

Aprender uma nova língua na escola é uma experiência educativa que se realiza para e pelo aprendiz/aluno como reflexo de valores específicos do grupo social e/ou étnico que matem essa escola. São esses valores transformados em interesses [...] que fazem o currículo abrigar uma ou mais línguas estrangeiras. São ainda esses valores que contribuem para determinar quais línguas, com quais razões declaradas, em que níveis, por quanto tempo e com que intensidade ensinar nos diferentes níveis escolares.

Os PCNs de LE (1998) considera o aprendizado de uma outra língua, diferente da materna, indispensável para se ter um acesso igualitário ao mundo dos negócios, à tecnologia, funcionando como instrumento para se chegar ao mercado de trabalho. Além de que “O ensino de uma Língua Estrangeira na Escola tem papel importante à medida que permite aos alunos entrar em contato com outras culturas, com modos diferentes de ver e interpretar a realidade” (1998, p. 54). Isso acontece devido o espaço educativo ser o ambiente propício para aprendizagem através da troca de experiências entre todos que compõe o círculo educativo. O PCNEM (1999) reitera essa questão ao destacar que conhecer e usar uma língua estrangeira moderna é um instrumento de acesso a informações, cultura e grupos sociais.

Aprender uma LE possibilita a ampliação de horizontes a partir do conhecimento de outra cultura. A língua não é apenas um signo linguístico, mas o código da identidade de um povo. E, desta forma, ao aprender o Inglês, nos apropriamos de uma nova identidade, mesmo inconscientemente.

E essa nossa identidade nacional (identidade imaginada de pertencimento à uma nação) somada à identidade de língua estrangeira formarão uma nova identidade, uma vez que não podemos afirmar que quando nos apropriamos de uma identidade deixamos de possuir a que tínhamos antes (HALL, 1999 *apud* KALVA e FERREIRA, 2010, p. 03)

Esse processo nem sempre ocorre de forma harmoniosa e pode ser direcionado a duas vertentes: a resistência e o deslumbramento. Na primeira, os aprendizes tem resistência por sentirem sua identidade nacional invadida ao aprender uma LE como o inglês. Na última situação, muitas pessoas sentem-se deslumbradas pela cultura do outro e acabam por desvalorizar ou esquecer a sua.

E esse valorizar a língua do outro está relacionado com um padrão econômico e cultural elitista e que não se desvincula do imperialismo lingüístico, ou seja, do que é pensado enquanto potência econômica e cultural como é o caso dos EUA e da Inglaterra. (KALVA e FERREIRA, 2010, p. 07).

O docente, nesse contexto, tem que ter claro a consciência que tanto o ato de ensinar quanto aprender o inglês não significa ser o outro, mas comunicar-se com ele. Ferreira (2000, p. 5 *apud* Kalva e Ferreira 2010, p. 07) destaca que o “objetivo principal quando se ensina uma língua estrangeira é perceber que estamos aprendendo para nos comunicar através dessa nova língua e sendo assim conforme vai se aprendendo essa língua ela se desestrangeiriza”. Entender o discurso de um falante de LE é o mesmo que inseri-lo em um contexto global partilhando experiências e conhecimentos. Almeida Filho (2002, p. 15) compartilha da ideia do autor supracitado, destacando que “Aprender LE assim é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprende”.

Sendo assim, docentes e discentes devem compreender a concepção que, ao conhecer e aprender uma LE, nos apropriamos também de sua cultura, sua identidade, sem, contudo, desvalorizar nossa própria língua, símbolo da identidade nacional, e principalmente sem abrir mão de seus valores.

Esse diálogo intercultural pode ser favorecido através da globalização com a incorporação das novas tecnologias na educação. Configurando-se como uma oportunidade de se inserir no mundo ao qual o alunado está imerso, além abordar temas recorrentes na

vivência em sociedade. No entanto esse processo deve ocorrer de forma cautelosa, segundo a OCEM,

Sem esse discernimento, o raciocínio “globalizante” poderá conduzir à crença de que os conhecimentos sobre informática e sobre a língua inglesa (duas ferramentas tidas como “imprescindíveis” para a entrada na sociedade globalizada) bastam para a integração social, uma integração que se traduz por emprego, sucesso profissional, melhoria de vida material, bem-estar pelo sentimento de pertencimento. Logicamente que esses aspectos representam bens sociais e direitos do cidadão que devem ser proporcionados a todos. Mas acreditamos que a questão da inclusão deva ser estudada de maneira mais ampla, de novo, sob um ponto de vista educacional que poderá levar à sensibilidade de que uma visão da inclusão é inseparável de uma consciência crítica da heterogeneidade e da diversidade sociocultural e lingüística. Seguindo esse raciocínio, a exclusão está implícita em concepções de língua e cultura como totalidades abstratas, fixas, estáveis e homogêneas. (BRASIL, 2006, p. 96)

O ensino relacionado a questões cotidianas é de extrema importância, conforme afirma Masetto (1997), a sala de aula assume um outro significado quando os alunos percebem que através da troca de experiências, uns com os outros e de situações concretas do seu cotidiano, eles podem adquirir conhecimentos relevantes para seu aprendizado. Assim,

Quando o aluno percebe que pode estudar nas aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que constituem seu grupo vivencial, quando seu dia-a-dia de estudos é invadido e atravessado pela vida, quando ele pode sair da sala de aula com as mãos cheias de dados, com contribuições significativas para os problemas que são vividos “lá fora”, este espaço se torna espaço de vida, a sala de aula assume um interesse peculiar para ele e para seu grupo de referência. (MASETTO, 1997, p. 35)

O ambiente escolar e o extraescolar são importantes para que o aprendizado venha se efetivar. Segundo Holden & Rogers, o ambiente escolar:

[...] exige tanto o aprendizado formal [...] como as oportunidades para uma prática mais informal, mais experimentação e criatividade. O ambiente escolar é o contexto ideal para o primeiro caso; cabe ao professor garantir o espaço para o segundo. (2001, p. 14).

Para os autores citados, todo contexto motivador para prática do idioma deve ser considerado no processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso, verifica-se o meio “fora da escola” como um local onde também ocorre aprendizagem. É importante o educador também ressaltar essa questão, mostrando as possibilidades de se encontrar o inglês no dia a dia. Nesse sentido, deve-se destacar que

“[...] o inglês é uma língua internacional e nessa qualidade, é facilmente encontrada no “mundo real”, fora da sala de aula. [...] o inglês pode ser encontrado no cotidiano lingüístico do aluno: em anúncios, em músicas e principalmente, na linguagem de computadores” (HOLDEN & ROGERS, 2001, p. 14).

O ensino de uma LE traz consigo, entre outras vantagens, o aumento do conhecimento do educando com relação a outras culturas, além torná-lo capaz de construir e ampliar significados através de comparações entre ambas as línguas. Dessa forma, é de extrema importância o docente expor para o alunado o porquê do ensino de uma língua estrangeira nas escolas e quais as vantagens que eles podem obter com o aprendizado desta. É relevante mostrar a presença desta língua em anúncios, músicas, em jogos e programas de computador, entre outros, revelando assim sua estreita relação com a cultura digital.

2.1 Concepções teórico-metodológicas do ensino de uma língua estrangeira

Normalmente observa-se que os objetivos do ensino de idiomas em escolas regulares são diferentes dos objetivos dos cursos de idiomas. Alguns documentos oficiais, como PCNEM, PCN+ e OCEM, posicionam-se frente a esta problemática, justificando que ambas as instituições, embora almejem o desenvolvimento do aprendizado, possuem finalidades diferenciadas. Nas escolas regulares, por exemplo, a heterogeneidade das classes, com discentes nos mais diversos níveis de aprendizado, o restrito número de aulas semanais e as múltiplas interfaces com outras disciplinas do currículo corroboram para o ensino de línguas que prioriza a gramática em detrimento das habilidades comunicativas.

Para os documentos oficiais supracitados, o ensino de uma LE na escola regular requer do docente definição de metas para o aprendizado e critérios de seleção de competências a serem privilegiados nos três anos de ensino médio. Além disso, é fundamental a imprescindível articulação dos saberes de uma LE com outras disciplinas do currículo de forma a instigar o conhecimento do educando para situações fora da sala de aula. Assim, o processo de formação do educando tem como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, os quais são adquiridos no cotidiano.

De acordo com o PCNEM (1999) analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando a textos que fazem parte do contexto ao qual o educando está inserido, é parte constituinte do aprendizado. Sendo assim, o desenvolvimento de capacidades de pesquisa, análise e seleção de informações é parte relevante para o aprendizado de uma LE.

Os PCNs+ (2000) trouxeram a visão que a competência primordial do ensino de línguas estrangeiras modernas no ensino médio deve ser a da leitura e a interpretação de textos. Para tanto, correlaciona-se vocabulários pertencentes à língua materna e a estrangeira.

Essa reflexão deve propiciar ao aluno a análise de sua própria língua e cultura, por meio de vínculos com outras culturas – por semelhança e contraste – que lhe permita compreender melhor sua realidade e as de outros, enriquecendo sua visão crítica e seu universo cultural. (BRASIL, 2000, p. 100)

O referido documento ainda enfatiza a importância do aprendizado surgir a partir da vivência do aluno, do seu contato com outras culturas e seus conhecimentos prévios. O estudo de uma LE, nesse contexto, envolve principalmente a imersão em uma nova cultura que proporcione entre outras questões o domínio de competências e habilidades necessárias à vida pessoal, acadêmica e profissional dos educandos. Conforme os PCNs+ (2000, p. 93),

O processo de aprendizagem de uma língua estrangeira envolve obrigatoriamente a percepção de que se trata da aquisição de um produto cultural complexo. Esse aprendizado, iniciado no ensino fundamental, implica o cumprimento de etapas bem delineadas que, no ensino médio, culminarão com o domínio de competências e habilidades que permitirão ao aluno utilizar esse conhecimento em múltiplas esferas de sua vida pessoal, acadêmica e profissional.

O discente ao se apropriar de uma língua, apropria-se também dos seus bens culturais, os quais proporcionarão acesso à informação em amplo sentido, alcançando não apenas a influência acadêmica, mas uma inserção social e profissional mais qualificada.

Para a OCEM (2006), por exemplo, não há clareza por parte da escola regular em concentrar o ensino apenas linguístico e instrumental em detrimento dos objetivos educacionais e culturais,

Esse foco retrata uma concepção de educação que concentra mais esforços na disciplina/conteúdo que propõe ensinar (no caso, um idioma, como se esse pudesse ser aprendido isoladamente de seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos) do que nos aprendizagens e na formação desses. A concentração em tais objetivos pode gerar indefinições (e comparações) sobre o que caracteriza o aprendizado dessa disciplina no currículo escolar e sobre a justificativa desse no referido contexto. (BRASIL, 2006, p. 90)

Assim, o conhecimento da heterogeneidade da língua na sua forma contextual, social, cultural e histórica faz parte do aprendizado discente e são essenciais para instituições regulares ou de idiomas. A questão primordial é a busca do aprendizado discente.

De acordo com os PCNs de LE (1998), as concepções teóricas que têm orientado o processo de ensino e aprendizagem foram influenciadas por três visões: a behaviorista, que afirma que a aprendizagem deve ser um processo pelo qual se adquire novos hábitos linguísticos, ou seja, a rotina envolveria estímulo, resposta e reforço; a visão cognitivista, que enfoca as diferentes estratégias utilizadas pelo aluno para adquirir aprendizagem; e a visão sociointeracionista, na qual o foco é a interação do professor com o aluno, como também entre alunos. Já os pesquisadores Lightbown e Spada (1999) destacam que as principais correntes teóricas que orientam a aquisição de uma segunda língua são: o Behaviorismo, o mesmo compreende que o aprendizado se dá através da imitação, prática e reforço; o Inatismo, que prevê uma aquisição natural, haja vista que todo indivíduo é dotado de uma capacidade inata de adquirir conhecimento de uma língua; o Conexionismo, baseado na teoria construtivista de Piaget, acredita que a aquisição de outra língua acontece através de um processo gradual onde por meio de associações e observações de determinado contexto os alunos podem fazer associações; por fim, é destacado o Interacionismo, baseado na teoria de Vygotsky, tem como fator chave para o aprendizado a interação entre os indivíduos.

Para Santos (2007), as principais correntes teóricas que orientam o processo de aquisição da linguagem e como consequência influenciam o processo de ensino aprendizagem

são divididas em dois grupos: o Empirismo e o Racionalismo. A primeira destas correntes considera que os indivíduos têm uma capacidade inata de fazer associações entre estímulo e estímulo e resposta. Nesta teoria se destacam o Behaviorismo e o Conexionismo. O Racionalismo é uma corrente teórica que considera que todo ser tem uma capacidade inata de adquirir conhecimento, desta surge o Inatismo e o Construtivismo (este possui duas vertentes, o Cognitivismo e o Interacionismo).

Para que o aprendizado de uma LE de fato acontecesse, buscou-se por muito tempo um método adequado que proporcionasse o desenvolvimento de algumas habilidades necessárias para o aprendizado de uma LE, as referidas habilidades são: ler, escrever, ouvir e falar (*reading, writing, listening and speaking*).

Planejar atividades diversificadas de caráter dinâmico da língua, seu uso formal e informal é ao mesmo tempo entender a aquisição dessas habilidades linguísticas como recursos para o desenvolvimento discente.

Segundo os PCNs+ (2000, p. 122),

Criar diálogos para um texto narrativo, encenar uma peça, redigir e apresentar um telejornal, compreender diálogos de filmes, interpretar verbalmente atividades de mímica, simular situações do cotidiano, completar diálogos, produzir *slogans* e textos publicitários, traduzir poemas e letras de música – estas são algumas das muitas atividades que podem e devem ser desenvolvidas nas aulas de língua estrangeira, articuladas ou não a outras disciplinas do currículo, para mobilizar competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento e ao uso prático das diversas funções comunicativas da linguagem.)

Ministrar aulas de LE com enfoque nas quatro habilidades é ao mesmo tempo valorizar as funções comunicativas e o caráter prático do uso de códigos estrangeiros, enfatizando a interdisciplinaridade como meio eficaz para a aquisição e o desenvolvimento de múltiplas competências e habilidades.

Ao longo dos anos, vários métodos foram utilizados para se chegar a esse fim, Silva (2005) salienta que na década de 60, o método predominante era o tradicional, baseado na transposição da língua materna para LE e com ênfase na gramática. Nos anos 70, surgiu o método estruturalista-behaviorista, que se reduzia à memorização de estruturas em situação de comunicação e a partir de 1980 predominou a visão cognitivista com abordagem comunicativa e ênfase na interação e comunicação.

Atualmente há vários métodos utilizados para o aprendizado de uma LE, alguns possuem abordagens tradicionalistas, outros enfatizam o ensino comunicativo, porém todos têm como objetivo comum a facilitação da aquisição e conseqüentemente o aprendizado de uma LE. Freeman (2008) destaca o *Grammar Translation*, conhecido como método clássico enfatiza a leitura e a escrita através da tradução para uma melhor compreensão do texto, o professor neste método é o mediador da atividade para conhecimento de um novo vocabulário pelo aluno. Outro método apresentado é o *Direct Method*, este tem como objetivo o uso comunicativo da língua, porém diferentemente do anterior não permite tradução, ele propõe uma conversação diretamente na língua alvo. O *Audio – Lingual Method* propõe também um ensino comunicativo e acredita que a aprendizagem se dá por meio da imitação e da repetição, este é um método tipicamente Behaviorista. O *Silent Way* é o método que utiliza o silêncio do professor como forma de estimular a interação entre os alunos, partindo da ideia que eles podem aprender muito uns com os outros. A *Desuggestopedia* é uma sugestão pedagógica desenvolvida para ajudar os alunos a eliminar sentimentos negativos relativos à aprendizagem, o professor é a autoridade da sala de aula sendo responsável pela transmissão do conhecimento e os erros são corrigidos gentilmente. No *Community Language Learning*, o professor transmite o conhecimento de maneira a tornar o ambiente agradável estabelecendo um sentimento de confiança entre professor e aluno. O *Total Physical Response* acredita que o aprendizado é mais efetivo quando os alunos aprendem brincando, a comunicação durante todo o processo é via LE em estudo. Por fim, a autora apresenta o *Communicative Language Teaching*, o qual prevê o desenvolvimento da competência comunicativa em sala de aula.

Entre os métodos apresentados pelos mais diversos estudiosos, os PCN+ enfatiza a importância do desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão de textos orais e escritos centrado na função comunicativa, de modo a habilitar os educandos à comunicação nas mais diversas situações. “O caráter prático do ensino da língua estrangeira permite a produção de informação e o acesso a ela, o fazer e o buscar autônomos, o diálogo e a partilha com semelhantes e diferentes.” (BRASIL, 2000, p. 94)

Com relação às habilidades a serem desenvolvidas no ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio, a OCEM (2006) focaliza a leitura, a prática escrita e a comunicação oral contextualizadas. Essa orientação, embora provenientes dos PCNs+ estão em caráter mais expansivo.

Propomos o desenvolvimento da leitura, da comunicação oral e da escrita como práticas culturais contextualizadas. Imaginamos que a proporcionalidade do que deve ser trabalhado nas escolas de cada região deva ser avaliado regionalmente/ localmente, levando em conta as diferenças regionais/locais no que tange às necessidades. Recomendamos que todas essas habilidades comunicativas sejam trabalhadas ao longo dos três anos do ensino médio. [...] Acreditamos que as escolas de algumas regiões possam interessar-se em intensificar o desenvolvimento de leitura no terceiro ano, com vistas a ajudar os alunos na preparação para o vestibular. Entendemos, no entanto, que essa opção não deve desconsiderar o caráter da leitura como prática cultural e crítica de linguagem, um componente essencial para a construção da cidadania e para a formação dos educandos. (BRASIL, 2006, p. 111)

Partindo do pressuposto que a análise de um diálogo pode proporcionar um conjunto complexo de habilidades orais em contextos diferentes, o documento citado anteriormente trouxe entre outras questões, alternativas didático-pedagógicas para o ensino de línguas. Além disso, busca refletir sobre a função educacional do ensino de línguas, ressaltando a importância de se trabalhar a noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de LE.

3 NOVAS TECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E O PAPEL DOCENTE

Normalmente define-se “tecnologia” como sinônimo de informática e recursos multimídia, os quais possibilitam uma gama de artifícios, novas linguagens e, conseqüentemente, novos meios de interação. Contudo, é equivocado estreitar o significado do termo, uma vez que este envolve as novas experiências e habilidades do homem, como é destacado por Olson (1976, p. 18):

A invenção de aparelhos, instrumentos e tecnologias da cultura que incluem formas simbólicas inventadas, tais como a linguagem oral, os sistemas de escrita, sistemas numéricos, recursos icônicos e as produções musicais permitem e exigem novas formas de experiências que requerem novos tipos de habilidades ou competências.

Nesse sentido, os pesquisadores consideram o surgimento do termo tecnologia desde os primórdios da humanidade, quando o homem utilizou-se de objetos do seu cotidiano para as mais diversas finalidades. Simondon (1969, p. 19 *apud* Kenski 1997, p. 59) afirma que

[...] o homem iniciou seu processo de *humanização*, distinguindo-se dos demais seres vivos, a partir do momento em que se utilizou dos recursos existentes na natureza, dando-lhes outras finalidades que trouxessem algum novo benefício à sua vida. Assim, quando os nossos ancestrais pré-históricos utilizaram-se de galhos, pedras e ossos como *ferramentas*, dando-lhes múltiplas finalidades que garantissem a sobrevivência e uma melhor qualidade de vida, estavam produzindo e criando *tecnologias*.

De acordo com este autor, o uso de galhos de árvores, pedras e ossos como ferramentas para garantir a sobrevivência, também é uma forma de tecnologia. Com o passar dos anos, a evolução tecnológica proporcionou o desenvolvimento humano desde seu domínio pela escrita até a atualidade com a criação de equipamentos eletrônicos.

As tecnologias classificadas como velhas, no caso da escrita, ou novas, como tablets, I pads e I pods “transformam o modo como dispomos, compreendemos e representamos o tempo e o espaço à nossa volta. O universo de aparelhagens de que nos servimos diariamente redimensionam as nossas disponibilidades temporais e os nossos deslocamentos espaciais” (KENSKI, 1997, p. 60).

Na modernidade, essas novas tecnologias surgiram com o intuito de facilitar a vida humana impondo uma nova ordem nas formas convencionais de compreender e de agir no mundo. Ao longo do tempo, eles vêm modificando a vida dos seres humanos, alterando desde as formas de armazenamento de informações as suas funções usuais. O uso de imagens, sons e movimentos apresentados em equipamentos eletrônicos como vídeos e filmes, por exemplo, proporcionam o armazenamento dessas situações e sentimentos mesmo não vividos presencialmente pelos espectadores.

Com a constante evolução tecnológica, os seres humanos na contemporaneidade vivem imersos ao desenvolvimento científico e tecnológico, utilizando tecnologia todo tempo, mesmo sem refletir sobre o espaço que ela ocupa em suas vidas. Como consequência desse avanço, aos poucos, a sociedade vai se conectando à internet e quanto mais conectada à sociedade, mais a educação poderá ser diferente, além de haver possibilidades muito variadas de aprendizagem personalizada, flexível e integrada.

3.1 Novas Tecnologias na Educação

Conforme apresentado pelo PCNEM (2000), a globalização econômica promoveu o rompimento das fronteiras geográficas através do grande desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação e, como consequência deste processo, provocou a transferência de conhecimentos de forma acelerada, instantânea. Desta forma, a revolução tecnológica

[...] cria novas formas de socialização, processos de produção e, até mesmo, novas definições de identidade individual e coletiva. Diante desse mundo globalizado, que apresenta múltiplos desafios para o homem, a educação surge como uma utopia necessária indispensável à humanidade na sua construção da paz, da liberdade e da justiça social. (BRASIL, 2000, p. 13)

Tradicionalmente a educação é um instrumento necessário destinado ao aprendizado, desenvolvido com o intuito de inserir o discente no mercado de trabalho como profissional atuante e consciente do seu papel na sociedade. Para tanto, cada vez mais é exigido desses educandos conhecimentos e informações adquiridas tanto no espaço escolar como no seu cotidiano. O espaço escolar pode ser compreendido como uma instância onde diversos discursos se relacionam, possibilitando assim o desenvolvimento dos indivíduos. A sala de aula é, assim, um espaço de convivência, em que há troca de saberes e onde o conhecimento

se desdobra em conhecimentos específicos, os quais são adquiridos individual e/ou socialmente através de determinações históricas. A incorporação das novas tecnologias, nesse contexto tem impacto direto e

[...] reflete-se de maneira ampliada sobre a própria natureza do que é ciência, do que é conhecimento. Exige uma reflexão profunda sobre as concepções do que é o saber, e sobre as novas formas de ensinar e aprender. Exige também a apropriação e uso dos conhecimentos e saberes disponíveis não como uma forma artificial, específica e distante de comportamento intelectual e social, mas integrada e permanente, inerente à própria maneira de ser do sujeito. (KENSKI, 1997, p. 67)

Dessa forma, a relação tecnologia e educação deve ter por interesse estimular a aprendizagem de maneira que o educando se envolva e desperte o desejo por aprender, uma vez que o aprendizado é mais eficaz quando relacionado com questões cotidianas. Com as Novas Tecnologias da Informação abrem-se novas possibilidades

para fazer coisas novas e pedagogicamente importantes que não se pode realizar de outras maneiras. O aprendiz, utilizando metodologias adequadas, poderá utilizar estas tecnologias na integração de matérias estanques. A escola passa a ser um lugar mais interessante que prepararia o aluno para o seu futuro. A aprendizagem centra-se nas diferenças individuais e na capacitação do aluno para torná-lo um usuário independente da informação, capaz de usar vários tipos de fontes de informação e meios de comunicação eletrônica. (MERCADO, 1998, p. 02)

É sabido também que as novas tecnologias compreendidas como celulares, computadores, aparelhos de rádio, tablets, entre outros, fazem parte do cotidiano discente e docente, neste contexto

[...] a educação terá de enfrentar o desafio da mudança se quiser sobreviver e, para tanto, deverá rever o significado social do trabalho escolar na época atual, equacionando corretamente as novas demandas e avaliando a sua eficácia para proporcionar melhor qualidade de vida a todos os homens (ALONSO, 2003, p. 28).

Diante desta situação, a escola como instituição do saber tem necessidade de elaborar uma reorganização dos currículos, da gestão e das metodologias de ensino, de modo a apresentar orientações sobre o que se deve ensinar, quais metodologias podem ser aplicadas e de forma podem ser executadas. Atendendo assim, as perspectivas de uma geração que vive envolvida pela tecnologia.

No entanto para atender a estas expectativas, a escola precisa se adaptar às mudanças. E, quando falamos em adaptação, não estamos afirmando que a educação deve mudar em foco, mas sim da necessidade, com a qual nos deparamos diariamente, de adequar os currículos escolares, inserindo neles novas metodologias que atendam, de maneira mais sistemática, a tais objetivos de renovação. (SILVA, 2012, p. 19)

A utilização dos meios eletrônicos e das tecnologias de comunicação no ambiente escolar deve ser feito com o intuito de ampliar o desenvolvimento humano, mudando as percepções e não apenas as teorias. As “[...] tecnologias condicionam os princípios e práticas educativas e induzem profundas alterações na organização didático-curricular” (KENSKI, 2008, p. 92). Assim, o conhecimento e desenvolvimento da cultura digital é essencial para estruturação de programas pedagógicos, flexibilização do ensino e a interdisciplinaridade de conteúdos.

Compreender este novo mundo no qual estamos entrando com uma nova lógica, uma nova cultura, uma nova sensibilidade, uma nova percepção. Não mais, apenas, a perspectiva estrutural e linear de apresentação e desenvolvimento metodológico do conteúdo a ser ensinado; nem tampouco a exclusiva perspectiva dialética. Uma outra lógica, [...] que se estimule a possibilidade de outras relações entre áreas do conhecimento aparentemente distintas. A apropriação dos conhecimentos neste novo sentido envolve aspectos em que a racionalidade se mistura com a emocionalidade; em que as intuições e percepções sensoriais são utilizadas para a compreensão do objeto do conhecimento em questão. Nesta abordagem alteram-se principalmente os procedimentos didáticos, independentemente de uso ou não das novas tecnologias em suas aulas. (KENSKI, 1997, p. 68)

O uso das tecnologias de comunicação e informação no espaço escolar requer um direcionamento curricular e pedagógico, além do conhecimento desses equipamentos devido

suas múltiplas finalidades e funções. Não se trata apenas de adaptar as metodologias tradicionais a equipamentos tecnológicos, mas utilizar essa tecnologia para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem. Essa cultura digital e educacional requer um novo estilo de pedagogia que favoreça o aprendizado individual e coletivo.

Para Serafim e Sousa (2011), a prática pedagógica relacionada a novas tecnologias traz consigo diversas possibilidades, entre elas,

Acrescenta-se que as teorias e práticas associadas à informática na educação vêm repercutindo em nível mundial, justamente porque as ferramentas e mídias oferecem à didática, objetos, espaços e instrumentos capazes de renovar as situações de interação, expressão, criação, comunicação, informação e colaboração, tornando-se muito diferente daquela tradicionalmente fundamentada na escrita e nos meios impressos. (SERAFIM e SOUSA, 2011, p.20 *apud* Silva 2012, p. 23)

Conforme afirma Kenski (1997), foi com o amplo uso de tecnologias eletrônicas de comunicação e informação que a sociedade contemporânea adquiriu novas formas de viver, de trabalhar, de se organizar, de representar a realidade e de fazer educação. Teruya, Felipe e Takara (2013) destacam que o uso da mídia, no espaço escolar, como mediadora da produção de conhecimento ou como suporte de apresentação de eventos sócio-culturais, incide na possibilidade de articular a mídia como produto do processo de ensino e aprendizagem.

Piva Jr. (2013, p. 20), reafirma a ideia anterior ressaltando que “o computador tem se transformado na ferramenta utilizada na maioria das tarefas, principalmente naquelas relacionadas à comunicação e ao conhecimento”. Assim, o computador está, cada vez mais, presente na vida de todos os indivíduos, de maneira que levá-lo para sala de aula é uma estratégia de aproximação e desmistificação tecnológica. Busca-se formar educandos consciente do seu papel na sociedade. Para Kenski (2008, p. 91), a nova lógica do ensino na sociedade da informação leva em consideração que

A velocidade das alterações no campo das ciências, as novas possibilidades de acesso às informações e as reorganizações e

reestruturações permanentes em todas as áreas do conhecimento, a partir do acesso e do uso de tecnologias de informação e comunicação, repercutem amplamente na sociedade. Estamos vivenciando um momento de transição social que se reflete em mudanças significativas na forma de pensar e fazer educação.

Desse modo, correlacionar o uso recursos tecnológicos à educação faz-se relevante, uma vez que constitui parte integrante da vivência dos educandos, é uma nova forma de pensar e fazer educação, cabendo ao educador organizar, ensinar, instruir e democratizar sua utilização. A atividade docente, neste contexto, vai além da ministração das aulas, tendo em vista que este é responsável pela formação de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade. Constituindo sua função um verdadeiro desafio frente aos educandos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, esse processo de transformação da educação não depende única e exclusivamente do trabalho docente para uma verdadeira incorporação das novas tecnologias no espaço escolar, há também a necessidade de novos posicionamentos ligados à política e à gestão.

Esses novos posicionamentos dizem respeito à delimitação clara do papel do Estado na educação; aos objetivos e finalidades da educação em face das novas demandas sociais; à estrutura organizacional das instituições de ensino de todos os níveis; ao financiamento da educação; à universalização e à democratização do acesso a esses novos ambientes tecnológicos, por onde também se dá e se faz educação; às formas de valorização do magistério e às articulações com outras esferas sociais (KENSKI, 2008, p. 92).

Dessa forma, a incorporação das novas tecnologias à educação é algo amplo e para seu sucesso requer a participação não apenas dos educadores, mas de gestores, dos governantes, como também do estado, os quais juntos são capazes de reorganizar o currículo e proporcionar uma estrutura apropriada, com material didático necessário e estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado dos educandos.

3.2 O papel do docente frente às novas tecnologias na educação

O professor do século XXI tem um papel muito importante na era das novas tecnologias, pois esta exige do educador um maior domínio, não apenas dos conteúdos disciplinares, mas também dos processos de construção do conhecimento e de formação do alunado como seres atuantes na sociedade. É necessário que

[...] o professor, antes de tudo, se posicione não mais como o detentor do monopólio do saber mas como um parceiro, um *pedagogo*, no sentido clássico do termo, que encaminhe e oriente o aluno diante das múltiplas possibilidades e formas de se alcançar o conhecimento e de se relacionar com ele (KENSKI, 1997, p. 68).

Para Mercado (1998), o reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir nos currículos habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. Dessa forma, o uso dessas tecnologias e o aumento da informação proporcionaram uma nova organização de trabalho, onde a colaboração transdisciplinar e interdisciplinar são necessárias para facilitar o acesso a informação e ao conhecimento. Diante desse contexto, um novo paradigma surge no qual a educação e o papel do professor frente às novas tecnologias assume uma posição diferente, mais reflexiva e dialógica sobre sua prática.

A esse profissional devem ser dadas oportunidades de conhecimento e de reflexão sobre sua identidade pessoal. Nesse sentido os fatores tempo e oportunidades devem ser considerados, tendo em vista que com as novas tecnologias educativas, há uma ampliação das possibilidades na sua prática. E, para isso, a escolha consciente da forma mais adequada de seu uso em sala de aula, faz-se necessário. Fazendo com que os alunos aprendam com mais satisfação os conteúdos escolares. “As atividades de narrativa oral e de escrita não estão descartadas. A diferença didática não está no uso ou não-uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades” (KENSKI, 1997, p. 70).

Para Mercado (1998), a sociedade do conhecimento exige um novo perfil de educador, com características como comprometimento com a educação, competência que lhe possibilite uma prática interdisciplinar constituindo assim um ser reflexivo, crítico e competente com sua disciplina. Também exige abertura às mudanças propostas de forma a contribuir para o conhecimento em sala de aula e por fim a interação de maneira a trocar conhecimentos com profissionais na própria área e áreas afins no ambiente escolar.

São muitos os desafios a serem superados por esses profissionais para se chegar a esse fim, um deles é não apenas incorporar as novas tecnologias, mas reconhecer as concepções dos educandos sobre elas. Na geração tecnológica, os processos de aquisição do conhecimento assume um papel de destaque e passa a exigir a existência de um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, aprender, trabalhar em grupo e de se reconhecer como indivíduo. O professor, assim, não tem o simples papel de transmitir conhecimento ao aluno, mas fazê-lo construir esse conhecimento, desenvolvendo competências como criatividade, autonomia, comunicação e inovação.

Letrar uma geração de aprendizes, crianças, adolescentes e jovens que estão crescendo e vivenciando o avanço das novas tecnologias da informação e comunicação, configura-se como outro desafio a ser superado. Para alguns autores como Prenski (2001), os educandos da era tecnológica pensam e processam as informações de forma diferente das gerações anteriores. Isso devido à mudança no modelo de pensamento. Segundo ele há os *nativos digitais*, os quais são nativos da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet; e os *imigrantes digitais*, que não nasceram no mundo digital, mas adaptaram-se a ele.

Com base nessa distinção, o autor supracitado aponta como um dos maiores problemas da educação na atualidade deve-se a boa parte dos educadores serem imigrantes digitais, pois usam uma linguagem da era pré-digital para ensinar a uma população bastante fluente na linguagem digital.

Serafim e Sousa (2011 *apud* Silva 2012) salientam que

A sociedade que se configura exige que a educação prepare o aluno para enfrentar novas situações a cada dia. Assim, deixa de ser sinônimo de transferência de informações e adquire caráter de renovação constante. [...] Desse modo, é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar”, se deseja sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie de uma gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizados em sua prática pedagógica (p. 18 e 19).

Essa geração presente na sala de aula almeja um ensino prático e comunicativo que desenvolva todas as suas potencialidades. O professor, nessa situação, deve buscar estratégias pedagógicas que sejam condizentes com esses objetivos. Diante desse contexto Xavier (2007), destaca que o educador dessa nova geração, tem que acompanhar o desenvolvimento de seus aprendizes modificando seu perfil e sua prática pedagógica, tendo que ser

- * pesquisador, não mais repetidor de informação;
- * articulador do saber, não mais fornecedor único do conhecimento;
- * gestor de aprendizagens, não mais instrutor de regras;
- * consultor que sugere, não mais chefe autoritário que manda;
- * motivador da “aprendizagem pela descoberta”, não mais avaliador de informações empacotadas a ser assimiladas e reproduzidas pelo aluno. (p. 137)

Dessa forma, esse profissional tem por função a criação e a recriação sistemática de sua prática, estando aberto à descoberta e ao aprendizado junto com o discente. Nesse processo complexo deve-se considerar a incorporação à prática docente de conhecimento das novas tecnologias, estímulo à pesquisa, capacidade de induzir no educando questionamentos, hipóteses, proporcionando discussões a respeito das temáticas propostas. Kenski (2008) destaca que o professor diante das novas tecnologias passou por um processo de alteração de sua prática docente nas últimas décadas, desmistificando os preconceitos relacionados à máquina, mostrando que ela possui uma infinidade de ferramentas, mas não pode substituir o homem.

Apreendeu-se [...] a não temer a máquina, a não achar que elas podem nos substituir em nossas funções. Eu poderia dizer que essa foi à década do aprendizado técnico do docente: do saber fazer, saber utilizar as novas tecnologias eletrônicas disponíveis como parceiras em muitas de nossas atividades (KENSKI, 2008. p. 84).

A educação, como afirma alguns pensadores, é a base para o crescimento da sociedade. O domínio das novas tecnologias por parte dos docentes pode proporcionar-lhes diversas vantagens, como, por exemplo, o desenvolvimento da aprendizagem por meio de uma ferramenta do cotidiano. No entanto, cabe ao professor

[...] estar engajado no processo, consciente não só das reais capacidades da tecnologia, do seu potencial e de suas limitações para que possa selecionar qual é a melhor utilização a ser explorada num determinado conteúdo, contribuindo para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, por meio de uma renovação da prática pedagógica do professor e da transformação do aluno em sujeito ativo na construção do seu conhecimento, levando-os, através da apropriação desta nova linguagem a inserirem-se na contemporaneidade. (MERCADO, 1998, p. 04)

Sendo assim, a relação da educação com as novas tecnologias não é, nem deve ser, a substituição do educador pela máquina, pois esse profissional é insubstituível. Atuando como mediador do processo de ensino aprendizagem. Assim, a escola tem a função de buscar o desenvolvimento das potencialidades do educando, para isso o diálogo entre educador e educando é fundamental, para dialogar sobre a realidade que ultrapassa os muros da escola.

A competência para usar os equipamentos digitais com desenvoltura permite ao aprendiz contemporâneo a possibilidade de reinventar seu cotidiano, bem como estabelece novas formas de ação, que se revelam em práticas sociais específicas e em modos diferentes de utilização da linguagem verbal e não-verbal. O letramento digital requer que o sujeito assuma nova maneira de realizar as atividades de leitura e de escrita, que pedem diferentes abordagens pedagógicas que ultrapassam os limites físicos das instituições de ensino [...] (XAVIER, 2007, p. 138).

O novo modelo educacional na era tecnológica requer um posicionamento crítico do educador de forma a criar, questionar, aprender e ensinar de forma reflexiva, trabalhando para construção cooperativa do desenvolvimento dos seus educandos. Dianna Laurillard (1995, *apud* Kenski, 1997, p. 69) destaca no gráfico abaixo (quadro 1) os papéis de docentes e discentes por meio das novas tecnologias de comunicação e informação.

Quadro 1
Modos de ensino: papéis do professor/aluno

<p>a) aprendizagem através da aquisição: professor como “contador de histórias”</p> <p>CCP → CCA</p> <p>CEP CEA</p>	<p>b) aprendizagem através da discussão: professor e aluno como “negociadores”</p> <p>CCP ↔ CCA</p> <p>CEP CEA</p>
<p>c) aprendizagem através da descoberta: aluno como “pesquisador”</p> <p>CCP CCA</p> <p> ↑</p> <p> ↓</p> <p>CEP ↔ CEA</p>	<p>d) aprendizagem através da descoberta orientada: professor e alunos como “colaboradores”</p> <p>CCP ↔ CCA</p> <p>↑ ↓</p> <p>↓ ↓</p> <p>CEP ↔ CEA</p>

Laurillard, D. (1995), traduzido e adaptado por Kenski, Vani M.

CCP: conhecimento conceitual do professor; CCA: conhecimento conceitual do aluno; CEP: conhecimento estruturado do professor; CEA: conhecimento empírico do aluno.

Fonte: <http://www.conhecer.org.br>

Kenski (1997) destaca que na situação “A” o professor é mero contador de histórias, podendo ser substituído por um vídeo, programa de rádio ou teleconferência, por exemplo. No contexto “B” o professor é negociador e o ensino ocorre através de discussões e debates em sala a partir da leitura de um texto, exibição de um filme ou visita a determinado lugar. O tipo “C” não enfatiza a ação direta do professor, o aluno é que assume o papel de pesquisador interagindo com os conhecimentos através dos mais diversos recursos multimídia. Os discentes assim aprendem por descoberta. Por fim, tem-se a possibilidade “D” em que professores e alunos são colaboradores e utilizam-se de recursos multimídia para realizar buscas e trocas de informação, ambos aprendem nesse processo e o espaço onde ocorre essa troca é principalmente a sala de aula.

Mercado (1998, p. 01) destaca que

Com as novas tecnologias pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesse didático-pedagógico, como: intercâmbios de dados científicos e culturais de diversa natureza; produção de texto em língua estrangeira; elaboração de jornais inter-escolas, permitindo desenvolvimento de ambientes de aprendizagem centrados na atividade dos alunos, na importância da interação social e no desenvolvimento de um espírito de colaboração e de autonomia nos alunos. O professor, neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos reunidos por área de interesses.

Diante do exposto, é visível a ampla variedade de metodologias pedagógicas que podem ser aplicadas na sala de aula, visando o desenvolvimento cognitivo, a comunicação, interdisciplinaridade e a criticidade. No entanto, faz-se necessário a pré-disposição do docente a estar atento às necessidades dos discentes, assim, recursos tecnológicos como cd room, internet, o bate-papo on-line e o correio eletrônico podem lhe oferecer possibilidades de enriquecer sua prática docente. O uso desses recursos não diminuirá a importância do professor no processo de ensino-aprendizagem, pois ele é quem define, orienta os conteúdos e busca metodologias adequadas para desenvolvimento das atividades.

Contudo, para o desenvolvimento de um trabalho docente de qualidade, é preciso a construção de um currículo a partir da perspectiva da ação do professor, através de uma reflexão acerca dos objetivos, técnicas, conteúdos escolhidos e habilidades a serem

desenvolvidas em sala de aula, a fim de: utilizaras novas tecnologias de informação e comunicação, estimulando pesquisas interdisciplinares, sem, no entanto, deixar de adaptá-las à realidade brasileira; adequar e redimensionar os valores humanos, de forma a aprofundar o conhecimento tornando o ambiente educativo e a relação entre docente e discente participativa e motivante; além de investir em uma formação continuada para o professor, de modo a fazê-lo construir conhecimento sobre as novas tecnologias, entendendo-a como parte integrante de sua prática pedagógica.

4 O ENSINO DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA COM O CURSO DE INGLÊS JRS

4.1 Caracterização da pesquisa

Diante da necessidade de aprender a comunicar-se com língua estrangeira e aplicá-la de forma prática no cotidiano, foi criado um curso de idiomas para este fim na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rocha Sobrinho, localizada no Município de Bananeiras, PB.

A escola possui 1.100 alunos matriculados, distribuídos nos três turnos (manhã, tarde e noite), e uma estrutura física com 18 salas de aula, uma biblioteca, uma sala de vídeo, um laboratório de química e física e uma sala de informática, a qual é usada ocasionalmente.

O curso de idiomas foi desenvolvido com o intuito de proporcionar o conhecimento e aprimoramento da proficiência em três idiomas, inglês, espanhol e francês, de modo que os educandos tivessem o conhecimento básico dos idiomas anteriormente citados. Essa iniciativa foi fruto de um trabalho voluntário, em conjunto com a gestão e os professores de inglês e espanhol da referida instituição.

Como a demanda de alunos na referida escola é bem ampla e não havia como oferecer a todos eles a oportunidade de participarem do referido curso, foi elaborado um edital (em anexo), o qual continha alguns critérios para seleção de alunos, tendo em vista que só havia possibilidade da criação de uma turma com no máximo 20 discentes. Nesse edital, também havia a previsão de início e término das atividades, conteúdos a serem ministrados, entre outras instruções.

O projeto nomeado “Curso Instrumental de Línguas JRS” foi destinado a alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio, tendo em vista que esse público poderia dar continuidade em uma nova etapa dos trabalhos no ano seguinte. O horário escolhido foi o turno tarde, devido a disponibilidade de tempo profissional e entre alguns critérios aplicados tivemos que os discentes deveriam ter ao menos frequência regular de 80% em todas as disciplinas, ter horário disponível no turno tarde e expressar seu interesse em cursar o idioma escolhido, mostrando seu real interesse por meio de uma breve dissertação, que deveria estar presente no espaço estabelecido na ficha de inscrição. E, principalmente, estarem dispostos a praticar a conversação de uma língua estrangeira, inclusive a submeter-se a avaliações com ênfase nas habilidades de *speaking* (falar) e *listening* (ouvir).

O período de inscrição foi de 31 de março a 4 de abril de 2014, na secretaria da referida escola, onde os discentes poderiam se inscrever para apenas um dos idiomas. No dia

15 de abril, foi divulgado o resultado da seleção, levando em consideração os critérios previamente estabelecidos.

O início das atividades ocorreu em 24 de abril e o término dia 13 de Novembro do corrente ano. Como no mês de junho devido o período de recesso não houve atividades, o curso foi realizado em um período de 6 meses. As aulas eram ministradas uma vez por semana, nas quintas feiras, turno tarde com duração de 2 horas.

Entre os assuntos trabalhados destacaram-se temas que permitiram a ampliação vocabular, utilizando-se de conhecimentos prévios proporcionando assim múltiplas interfaces com a cultura estrangeira. Entre esses temas encontram-se o aprendizado das saudações, do alfabeto, os números nas suas mais diversas formas de uso, como utilização de moedas internacionais, compras, horas, entre outros. Saber apresentar-se e apresentar outras pessoas, descrição de lugares, conhecimento de direções, membros da família, amigos, todos aplicados nas mais diversas situações como em casa, na escola, com os amigos, ao telefone, em um restaurante, no trabalho e nas compras.

O ambiente onde as aulas foram ministradas era na sala de vídeo da referida instituição, a qual continha televisão, aparelho de DVD e áudio, data show, enfim uma sala apropriada para o desenvolvimento de uma metodologia diferenciada, com vários recursos tecnológicos.

Fig. 1

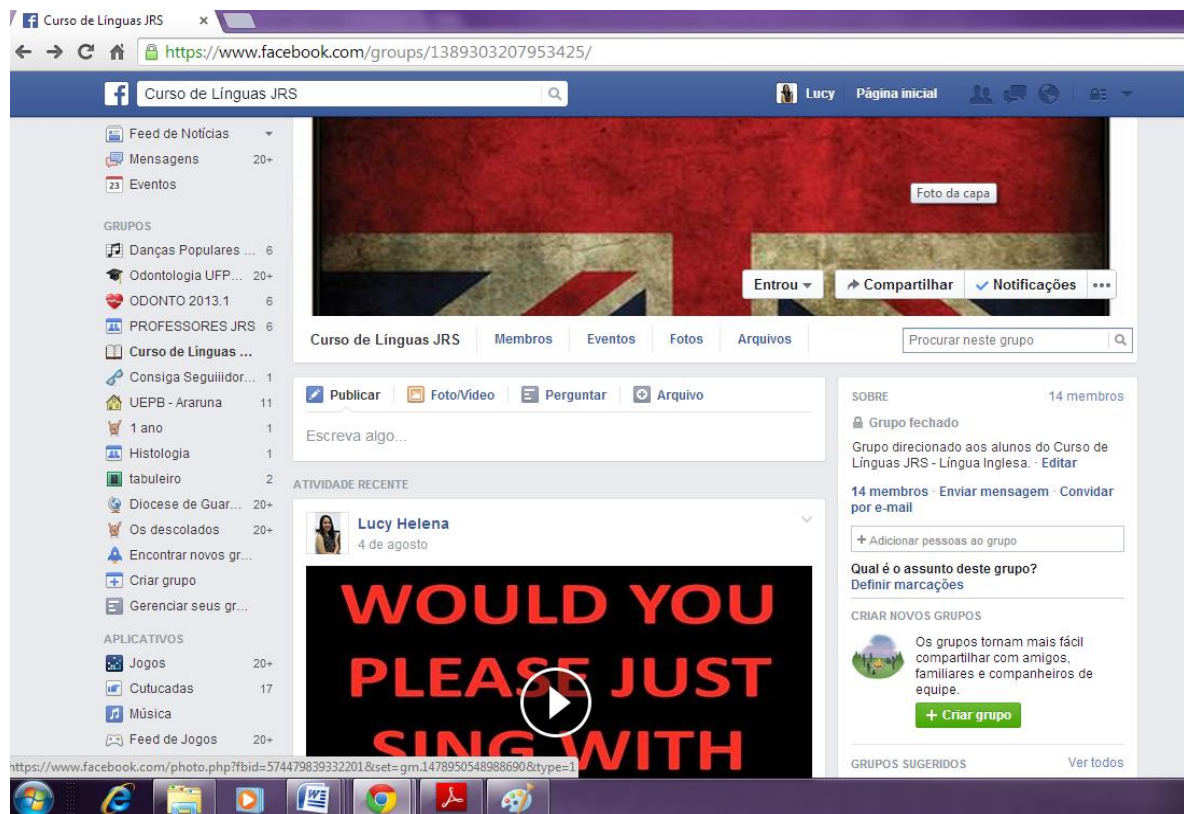
Sala de Vídeo da E.E.E.F.M. José Rocha Sobrinho



A metodologia aplicada foi inspirada no ensino comunicativo de línguas, em que os discentes são atuantes no processo de aprendizagem, comunicando-se e construindo o conhecimento de forma colaborativa. Almejava-se que ao final os discentes tivessem a capacidade de se expressar, mesmo que forma simples, nas mais diversas situações.

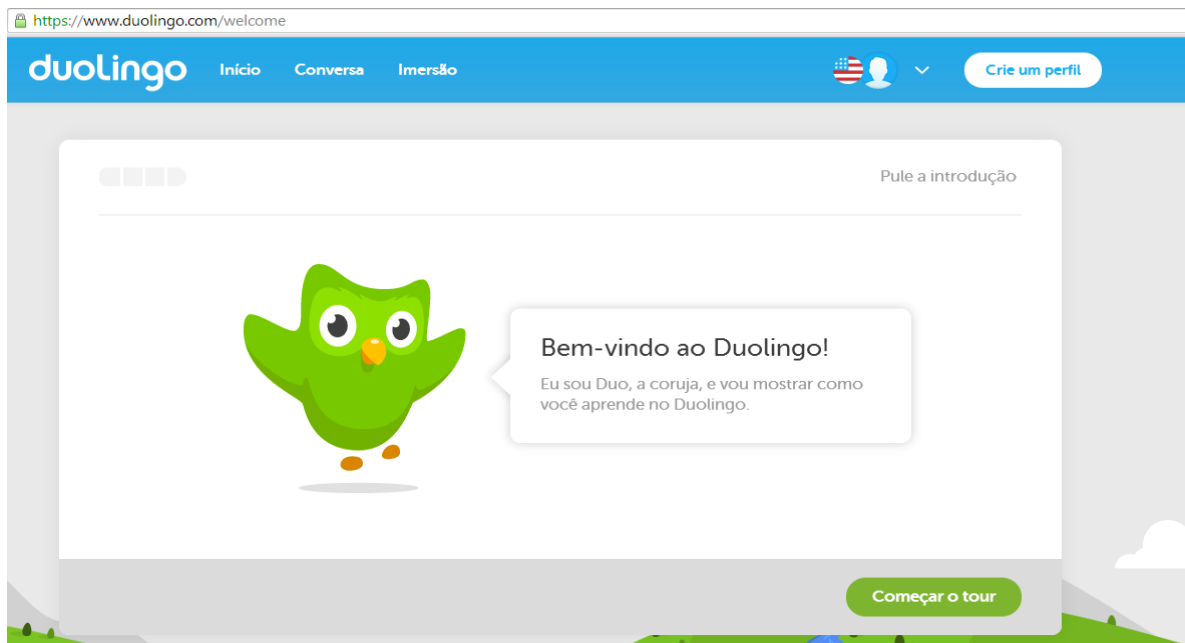
Para tanto, utilizou-se das novas tecnologias como uso de recursos de áudio e vídeo, os quais foram o subsídio de desenvolvimento das atividades em sala. Como também foi criado um grupo no *facebook* (Fig. 2) para facilitar a comunicação e repassar áudios e vídeos que não eram possíveis de ser exibidos em sala, além de ser incentivado a instalação de um aplicativo conhecido como *Duolingo* (Fig. 3), o qual poderia ser instalados no celular e serviria de suporte para prática do idioma, não só no ambiente escolar, mas também em casa.

Fig. 2
Página do facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1389303207953425/>

Fig. 3
Aplicativo Duolingo



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.duolingo&hl=pt_BR

O aplicativo utilizado podia ser baixado gratuitamente e apresentava um designer moderno e de fácil utilização com avaliações periódicas e incentivo diário para prática do idioma. Ele funciona de forma que o usuário progrida nas lições que enfatizam as quatro habilidades comunicativas (*listening, reading, writing, speaking*). O *Duolingo* foi lançado em 2012 e oferecia a opção do aprendizado do espanhol, francês, italiano e inglês. Funciona de forma que o usuário ganha pontos de habilidade ao aprender conceitos sobre uma linguagem, estas são consideradas aprendidas quando as lições são completadas. Pode se obter 14 pontos os quais podem ser diminuídos em casos de erro. O curso completo ensina mais de duas mil palavras, que podem enriquecer o vocabulário apresentando uma abordagem voltada para o desenvolvimento da educação.

4.2 Discussão

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de investigar até que ponto as novas tecnologias podem facilitar ou dificultar o processo de ensino aprendizagem nas aulas de uma LE, especialmente o inglês. Assim, aplicou-se e posteriormente observou-se como

uma metodologia diferenciada pôde favorecer ou dificultar o processo de ensino aprendizagem.

Para tanto, buscou-se inicialmente selecionar uma amostra de alunos/colaboradores que tinham de fato interesse em ser submetida a essa nova prática com ênfase nas habilidades comunicativas. Esta prática normalmente é dificultada nas turmas regulares devido a fatores como grande quantidade de alunos matriculados em uma turma, poucas aulas semanais, submissão a um processo avaliativo tradicional, desmotivação por parte de alguns discentes que não vêem sentido em aprender uma LE como o inglês influenciando negativamente seus colegas que tem interesse pelo aprendizado do idioma, além da falta ou inviabilidade de recursos multimídia presentes nas salas de aula convencionais.

Um fator preponderante que norteou nossa metodologia foi mostrar inicialmente a esses discentes que o inglês está presente em nosso cotidiano, não apenas nos livros didáticos e no ambiente escolar, mas nas mais diversas situações como em instruções presentes no controle remoto; no celular, nos seus mais diversos aplicativos e programas, como também em anúncios, músicas, jogos e programas de computador, entre outros, revelando assim sua estreita relação com a cultura digital.

Esse processo de conscientização foi de extrema importância, pois é uma forma de motivar o aluno inspirando autoconfiança e conseqüentemente facilitando o processo de aprendizagem. Segundo Holden & Rogers (2001), o professor tem como papel fundamental buscar contextualizar o conteúdo e utilizar o método mais adequado à realidade do seu aluno. Para esses autores, é preciso ter consciência que o aprendizado acontece no ambiente escolar. Motivar o alunado conscientizá-lo da importância de uma LE são questões essenciais para o sucesso do processo. Os autores anteriormente citados enfatizam a importância de se demonstrar para o aluno a aplicação do Inglês não apenas na sala de aula, mas no dia a dia.

As aulas foram inspiradas em algumas correntes teóricas que preveem o aprendizado de uma LE, não se detendo a uma em especial, tendo em vista que todas elas possuem pontos positivos e negativos e uma complementa a outra. Entre as principais correntes teóricas aplicadas destacamos o behaviorismo, o qual prevê o aprendizado a partir da imitação, prática e reforço, como também o interacionismo, baseado na teoria de Vygotsky e enfatizado pela OCEM, destaca que o aprendizado ocorre com a interação entre os indivíduos.

De acordo com a OCEM (2006) é através da linguagem que o homem tem condições de refletir sobre si mesmo. Ela é uma forma de interação com o outro e origina-se a partir das relações em sociedade.

[...] é na interação em diferentes instituições sociais (a família, o grupo de amigos, as comunidades de bairro, as igrejas, a escola, o trabalho, as associações, etc.) que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem; ao fazê-lo, vai construindo seus conhecimentos relativos aos usos da língua e da linguagem em diferentes situações. (p. 24)

O aprendizado de uma LE é entendido atualmente como um processo sociointeracional, haja vista que o aprendizado acontece através da interação entre os indivíduos. Para a OCEM “[...] as nossas atividades de uso da língua e da linguagem, que assumem propósitos distintos e, conseqüentemente, diferentes configurações”. (2006, p. 24). Vygotsky *apud* Silva (2005) afirma que o aprendizado é essencialmente social, assim o processo de interação entre professor e aluno, como também entre os alunos, faz-se necessário para o processo de aprendizagem ser realmente efetivo. A partir da escolha das correntes teóricas do ensino de línguas, enfatizou-se principalmente as metodologias relacionadas ao ensino comunicativo, que prevêm o desenvolvimento das habilidades comunicativas de *reading, writing, listening and speaking* (ler, escrever, ouvir e falar). Entre os principais métodos utilizados destacamos os enfatizados por Freeman (2008) como o *Direct Method* (método direto), *Audio – Lingual Method* (método áudio-lingual) e o *Community Language Learning* (comunidade de aprendizado de línguas). O primeiro deles considera como objetivo primordial o uso comunicativo da língua, através de conversações diretamente na língua alvo, o segundo por sua vez propõe um ensino comunicativo por meio da imitação e da repetição, este é um método tipicamente Behaviorista e o terceiro e último prevê o desenvolvimento da competência comunicativa em sala de aula de forma agradável e interativa.

As aulas foram preparadas e ministradas tendo por base o ensino comunicativo de línguas. A aula comunicativa relacionada à realidade do educando pode ser uma alternativa para os professores de Língua Inglesa trabalhar em suas salas habilidades para o ensino de um novo idioma. Almeida Filho define o ensino comunicativo como

[...] aquele que não toma as formas da língua descritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizaras experiências de aprender outra Língua, mas sim que toma unidades de ação feitas com linguagem como organizatórias das amostras autênticas de língua-alvo que se oferecer ao aluno aprendiz (2002, p. 47-48).

Nesse contexto, o ensino comunicativo proporciona uma maior motivação e interesse dos educandos, pois possibilita uma discussão sobre assuntos reais que os conduzam a repensar suas ações cotidianas. Com a publicação da OCEM em 2006, houve uma ampliação do conceito de ensino comunicativo, o qual prevê como ponto de partida para o ensino o contexto de uso e não a regra gramatical.

A metodologia escolhida buscou considerar os conhecimentos linguísticos dos discentes, estabelecendo pontos de convergência e divergência, colocando-os frente a situações reais de uso do idioma. Nesse sentido, o aprendizado de uma LE pode ser útil em situações cotidianas como ler manuais de instrução, interpretar textos de vestibular, fornecer e solicitar informações, perguntar e relatar preferências, entender letras de músicas, traduzir textos, escrever bilhetes e redigir e-mail, por exemplo.

O professor tem como papel “instigar a aprendizagem através da descoberta orientada, tornando-se mediador do processo ensino aprendizagem juntamente com o aluno.” (DIANNA LAURRILLARD 1995 *apud* KENSKI, 1997, p. 69) Esse diálogo intercultural pode ser favorecido através globalização, com a incorporação das novas tecnologias na educação, configurando-se como oportunidade de se inserir no mundo ao qual o alunado está imerso, além abordar temas recorrentes na vivência em sociedade.

Na contemporaneidade a busca pela utilização das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação na educação vem aumentando de forma considerável. Mostrando-se como algo presente e indissociável, uma vez que faz parte da vivência de docentes e discentes estando frequentemente presentes no espaço escolar. Além disso, o uso dessas tecnologias proporciona entre outras questões a motivação por uma aprendizagem dinâmica, comunicativa e interativa. Nesse processo há uma redefinição dos objetivos de ambos integrantes do espaço escolar frente às novas tecnologias, para Mercado (1998, p. 05),

O espaço aula se torna um ambiente de aprendizagem, com trabalho coletivo a ser criado, trabalhando com os novos recursos que a tecnologia oferece, na organização, flexibilização dos conteúdos, na interação aluno-aluno e aluno-professor e na redefinição de seus objetivos. As informações que os jovens obtêm através da Internet não são apenas recebidas e guardadas. Elas representam um ponto de partida e não um fim em si mesmas. Quando um estudante encontra uma informação na Internet, ele a coloca no seu contexto, da sua realidade, busca mais informações a respeito, torna-a um elemento da sua própria formação, sabendo qual a importância daquilo que aprendeu.

Acoplar as novas tecnologias ao ensino de LE é uma maneira de dinamizar o processo de ensino aprendizagem, tornando o ambiente educativo mais atraente para o aprendiz. Aplicativos educativos, recursos de áudio e vídeo, ferramentas de pesquisa e chats online podem favorecer a aprendizagem, isto uma vez que serve como ponto de partida para o desenvolvimento da aprendizagem.

As mudanças que as tecnologias favorecem na postura do professor em aula: ajuda os alunos a estabelecerem um elo de ligação entre os conhecimentos acadêmicos com os adquiridos e vivenciados, ocorrendo uma troca de idéias e experiências, em que o professor, em muitos casos, se coloca na posição do aluno, aprendendo com a experiência deste. Durante as aulas os alunos são levados a pesquisar e estudar individualmente, bem como a buscar informações e dados novos para serem trazidos para estudo e debates em aula. Enfatiza-se uma aprendizagem ativa e um processo de descobertas dirigidas. Incentiva-se a aprendizagem interativa em pequenos grupos. (MERCADO, 1998, p. 06)

Não se trata de adaptar as metodologias tradicionais a equipamentos tecnológicos, mas utilizar-se deles para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem. Essa cultura digital e educacional requer um novo estilo de pedagogia que favoreça o aprendiz individual e coletivo. Dessa forma, a utilização de áudios e vídeos sobre as temáticas em estudos mostraram-se relevantes uma vez que proporcionaram um aprendiz mais significativo com uma reorganização da sala de aula onde criam “uma nova distribuição de espaço e uma nova relação de tempo entre o trabalho do docente com o discente e o trabalho de cada um deles entre si” (GATTI, 1993, p. 24 *apud* KENSKI, 1997, p. 71). A rotina da sala de aula se modifica e cabe ao professor uma reorganização do seu tempo, de maneira a pesquisar as melhores formas interativas de atividades fazendo uso dos recursos multimidiáticos disponíveis.

Para Xavier (2007, p. 134), “Sem dúvida, a escola, com o auxílio dos meios de comunicação tradicionais (rádio, TV, jornais, revistas, etc.) e agora modernos (internet, CD, CD-ROM, DVD), ajuda a consolidar a cultura da escrita”. Possibilitando assim novos caminhos e possibilidades de exploração de recursos, configurando um momento didático significativo para a recriação e emancipação dos saberes.

O uso do *Duolingo* como estratégia de estudo ampliou o espaço da aprendizagem, permitindo ao aluno praticar o idioma em qualquer hora e local, não restringindo-se apenas a sala de aula, tendo em vista que poderia instalá-lo no seu próprio celular.

Com as Novas Tecnologias da Informação abrem-se novas possibilidades à educação, exigindo uma nova postura do educador. [...] A escola é um espaço privilegiado de interação social, mas este deve interligar-se e integrar-se aos demais espaços de conhecimento hoje existentes e incorporar os recursos tecnológicos e a comunicação via redes, permitindo fazer as pontes entre conhecimentos se tornando um novo elemento de cooperação e transformação (MERCADO, 1998, p. 02).

Assim, as estratégias metodológicas aplicadas visaram a ampliação do conhecimento a partir de informações relevantes para o cotidiano dos educandos, proporcionando o desenvolvimento pessoal, cognitivo podem constituir-se num desafio à criatividade e invenção.

O desenvolvimento da comunicação com as linguagens oral, escrita e áudio-vídeo, desenvolvem formas de interação, baseadas na confiança, na valorização mútua. O educador assim é um comunicador que expressa capacidade de motivar, de liderar, de coordenar e de adaptar-se aos vários ritmos dos diversos grupos. O uso adequado destas tecnologias estimula a capacidade de desenvolver estratégias de buscas, estimula o desenvolvimento de habilidades sociais, capacidade de comunicar-se efetiva e coerentemente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por um ensino que desperte o interesse pelo aprendizado configura-se como um dos maiores desafios docentes do século XXI. Inserir em sala de aula, em especial no ensino de idiomas, temáticas e metodologias que fazem parte do cotidiano discente, apresentando sua aplicabilidade prática, é essencial para o sucesso do processo de ensino aprendizagem.

Diante dessa inegável realidade, correlacionar a cultura digital com o ensino da língua inglesa, mostrou-se como relevante para o desenvolvimento da aprendizagem desse idioma, tendo em vista que o inglês e as novas tecnologias estão presentes na vida de docentes e discentes, configurando-se como algo indissociável.

O presente estudo foi dividido em quatro capítulos, em que primeiro deles buscou-se apresentar uma visão geral do que seria apresentado ao longo da pesquisa, destacando a justificativa da escolha da temática, enfatizando a questão a ser abordada e os objetivos propostos. O segundo capítulo trouxe o histórico sobre o ensino de língua inglesa no Brasil, destacando os documentos oficiais que justificam a incorporação desse idioma no currículo escolar, bem como as principais correntes teórico-metodológicas utilizadas como suporte para o ensino de línguas. No terceiro capítulo, buscamos uma reflexão acerca do uso de novas tecnologias na educação, destacando sua utilização e incorporação na atualidade, como também o papel docente frente a esta nova realidade. Finalizando, no quarto e último capítulo, partimos para caracterização e análise da pesquisa, a qual foi desenvolvida na E.E.E.F.M. José Rocha Sobrinho com um grupo de alunos do 1º e 2º ano do ensino médio. Estes discentes fizeram parte de uma seleção, a qual apresentava alguns critérios a serem considerados, como por exemplo, disponibilidade de horário, frequência e principalmente a exposição dos motivos que o levaram a fazer determinada escolha. Tudo desenvolvido com o intuito de selecionar apenas os educandos que estivessem dispostos a participar e aprender outro idioma, em aulas com uma metodologia diferenciada, inspiradas em um contexto comunicativo e interacionista.

As medidas apresentaram-se como positivas, tendo em vista que só se inscreveram os educandos que buscavam ampliar seus conhecimentos em novo idioma. Outro critério relevante estabelecido foi a quantidade de no máximo vinte alunos por turma. Este mostrou-se como relevante e necessário pois para prática de atividades de *listening* e *speaking* uma menor quantidade de alunos é primordial para se fazer a correta avaliação dessas habilidades.

Infelizmente essa prática não ocorre nas aulas convencionais, devido o reduzido número de aulas semanais, turmas numerosas e necessidade de seguir a um calendário avaliativo pré-determinado. Isso dificulta a ação docente, que normalmente prioriza o ensino

da gramática, com ênfase nas habilidades de *reading* e *writing* em detrimento de outras também necessárias.

O uso de recursos tecnológicos, em um ambiente propício, como a sala de vídeo da instituição onde a pesquisa foi desenvolvida, configurou-se como primordial para o aprendizado do idioma. Tendo em vista que as habilidades de *listening* e *speaking* poderiam ser trabalhadas de forma mais adequada, com os recursos necessários para seu desenvolvimento.

A utilização do *facebook*, rede social muito usada pelos discentes, como suporte para expandir o aprendizado, também se apresentou como adequada. Isto uma vez que essa rede foi utilizada para se inserir vídeo aulas, áudios e outras atividades de interesse dos educandos de forma que o aprendizado fosse além da estrutura física da escola.

O aplicativo *Duolingo*, o qual foi baixado nos celulares dos educandos, também demonstrou sua importância, pois esses indivíduos utilizam-se dessa ferramenta tecnológica a todo o momento. Sendo assim, como faz parte do cotidiano utilizar essa tecnologia moderna para estimular a prática do inglês e o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas configurou-se como pertinente e favorável ao ensino de idiomas.

Em suma, a experiência vivenciada no curso de línguas, ao longo de seis meses, apresentou-se como positiva, mostrando que é possível se aprender inglês na escola pública com auxílio das novas tecnologias. Contudo o apoio de gestores e a pré-disponibilidade docente e discente fazem-se necessárias para chegar a esse fim.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas, São Paulo: Pontes, 3 ed. 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_LDB2.pdf> Acesso em 12/08/2010

_____. **Parâmetros Curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira/ Secretaria da Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Disponível em: <<http://sites.google.com/site/teacherwillianswebsite/metodologia-de-ensino-e-pesquisa-de-le-ingl%C3%AAs>> Acesso em 12/07/2014

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM)**. Brasília: MEC/SEF, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf> Acesso em 12/10/2014.

_____. **PCN+ Ensino Médio- Orientações Educacionais Complementares Aos Paâmetros Curriculares Nacionais – Linguagem, Código e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

_____. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Língua Código e suas Tecologias**. Brasília: MEC/SEF, 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf> Acesso em: 12/10/2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)

HOLDEN, Susan & ROGERS, Mickey. **O Ensino da Língua Inglesa**. São Paulo: Special Book Services Livraria, 1ª ed. 2001.

KALVA, Júlia Margarida e FERREIRA, Aparecida de Jesus. O livro didático e as representações de identidade nacional: uma reflexão acerca da construção da identidade em alunos e professores de inglês. Palhoça, Santa Catarina: **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

Disponível em: < <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Julia%20Kalva.pdf>> Acesso em: 12/10/2014

KENSKI, Vani Moreira. **O professor diante das novas tecnologias ou... “Professores o Futuro é Hoje!”** In: Tecnologias e ensino presencial e a distância. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. Série Prática Pedagógica. p.83-97. Fonte: <http://esp.ead.uepb.edu.br/moodle/mod/resource/view.php?id=175> Acesso em 25/08/2014

_____. **Novas tecnologias: O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. São Paulo, 1997.

Fonte:

<<http://www.conhecer.org.br/download/INFORMATICA%20EDUCATIVA/leitura%20anexa%203.pdf>> Acesso em 01/09/2014.

LIMA, Diógenes Cândido. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública In. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. Editora: Parábola, 2009.

MASETO, Marcos Tarciso. **Didática: a aula como centro**. 4 ed. São Paulo: FTD, 1997.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação Docente e Novas Tecnologias**. Brasília: IV Congresso RIBIE, 1998. Disponível em: <<http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200342414941210m.pdf>> Acesso em: 08/11/2014

OLSON, David R. **“Culture, technology and intellect”** In: RESNICK, L. B. *The nature of intelligence* Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1976.

PIVA Jr, Dilermando. **Sala de Aula Digital – Uma Introdução à Cultura Digital para Educadores**. Saraiva, 2013.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001. Tradução SOUZA, Roberta de Moraes Jesus de. Fonte: <<http://poetadasmoreninhas.pbworks.com/w/file/60222961/Prensky%20-%20Imigrantes%20e%20nativos%20digitais.pdf>> Acesso em 25/08/2014

SILVA, Maria Jarbelânye da. **A Webquest: uma proposta para aulas de língua portuguesa**. Guarabira: UEPB, 2012.

Disponível em:

<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1505/PDF%20-%20Maria%20Jaberl%C3%A2nye%20da%20Silva.pdf?sequence=1>

TERUYA, Tereza Kazuko; FELIPE, Delton Aparecido; TAKARA, Samilo. **Mídia, Cultura e Imaginário Urbano**. In: COSTA, Antonio Albuquerque da; MOURA NETO, Faustino; SILVA, Iolanda Barbosa da; SANTOS, Maria do Socorro Tomaz Palitó. **Mídia Cultura e Imaginário Urbano**. João Pessoa: A União, 2013, p. 77-83.

XAVIER, Antonio Carlos. Letramento Digital. In: Santos, Carmi Ferraz e Mendonça, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações** / organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1ed. 1reimp. –Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/39255996/ALFABETIZACAO-E-LETRAMENTO-conceitos-e-relacoes>> Acesso em: 02/11/2014.

ANEXOS

Anexo I (Edital do Curso de Línguas JRS)



O Curso Instrumental de Línguas do JRS foi elaborado a partir da necessidade dos alunos do ensino médio de se conhecer e aprimorar a proficiência nas línguas inglesa, espanhola e francesa, com o objetivo de proporcionar aos educandos a prática de conhecimento básico nas referidas línguas estrangeiras.

Essa iniciativa é fruto do trabalho conjunto entre a gestão da E.E.E.F.M. José Rocha Sobrinho e dos professores de línguas (Lucy Helena Alves, Ivson Danilo e Luís Júnior) da referida instituição.

O curso terá duração de 6 meses, com aulas ministradas 1 vez por semana no turno tarde com duração de 2 horas.

➤ **Quem pode participar?**

- * Alunos do 1º ano regularmente matriculados na E.E.E.F.M. José Rocha Sobrinho e com frequência regular de 80% em todas as disciplinas.
- * Alunos realmente dispostos a praticar a conversação de uma língua estrangeira, inclusive a se submeter a avaliações com ênfase nas habilidades de audição e conversação.

➤ **Como se inscrever?**

- * Os alunos interessados devem preencher uma **ficha de inscrição** com os dados pessoais, a escolha do curso e com a devida justificativa de interesse em realizá-lo. As referidas fichas estarão disponíveis na **secretaria** da escola entre o período de **31 de março a 4 de Abril de 2014**.

➤ **A seleção**

- * Serão disponibilizadas 60 vagas, sendo 20 para cada modalidades (inglês, espanhol e francês).
- * O aluno deve se inscrever para apenas **1** dos cursos (**inglês, francês e espanhol**).
- * O aluno deve ter horário disponível (turno tarde) para o curso pretendido.

➤ **Início das aulas**

As aulas serão ministradas semanalmente, com duração de 2 horas e **iniciarão no dia 24 de Abril do presente ano, com previsão de término dia 20 de Novembro.**

➤ **Horários**

Dia / Horário	Curso	Professor (a)
Quinta - feira 13:30 às 15:30	Inglês	Lucy Helena Alves
Sexta - feira 13:00 às 15:00	Espanhol	Ivson Danilo
Quinta – feira 13:30 às 15:30	Francês	Luís Júnior

➤ **Atenção**

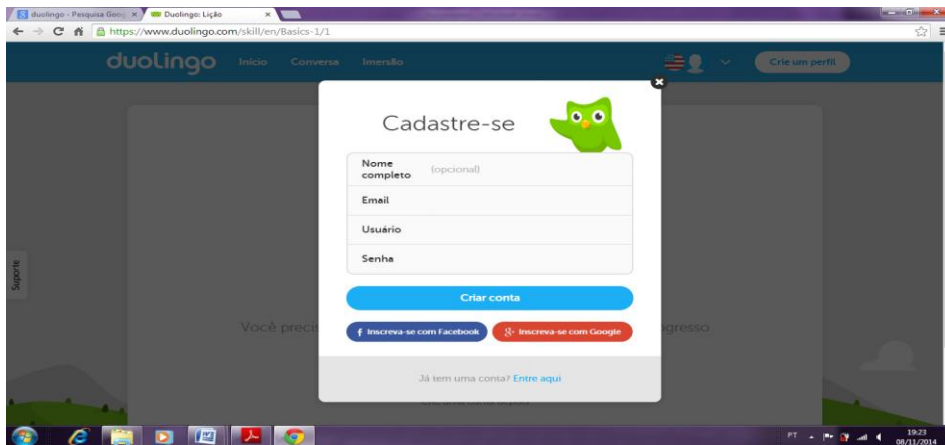
- * O aluno pode se **inscrever para apenas 1** dos cursos oferecidos.
- * A ausência de até 70% das aulas acarretará na perda da vaga.
- * O aluno é responsável pelo seu deslocamento, uma vez que as aulas acontecerão no horário oposto.

ANEXO II (Ficha de inscrição)

Curso Instrumental de Línguas JRS			
Ficha de Inscrição			
Dados Pessoais			
Nome: _____			Turma: _____
Idade: _____			
Pai: _____			
Mãe: _____			
Endereço: _____			
Telefone: _____			
Email: _____			
Escolha do Curso			
Dia / Horário	Curso	Professor (a)	Marque com um (X) o Curso escolhido
Quinta-feira 13:30 às 15:30	Inglês	Lucy Helena Alves	
Sexta – feira 13:00às 15:00	Espanhol	Ivson Danilo	
Quinta-feira 13:30 às 15:30	Francês	Luís Júnior	
Justificativa			

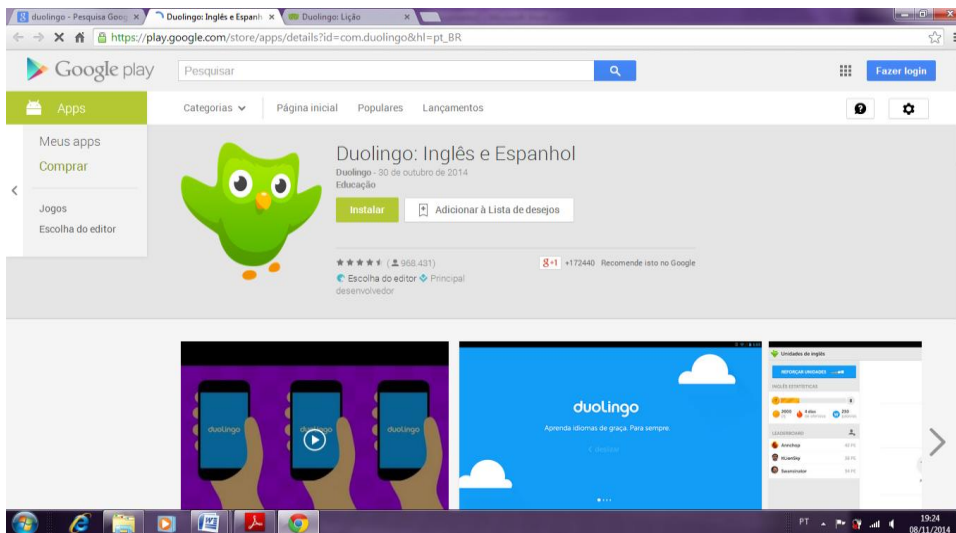
Assinatura do Aluno (a)			

ANEXO III (Página inicial do aplicativo no Play Store)



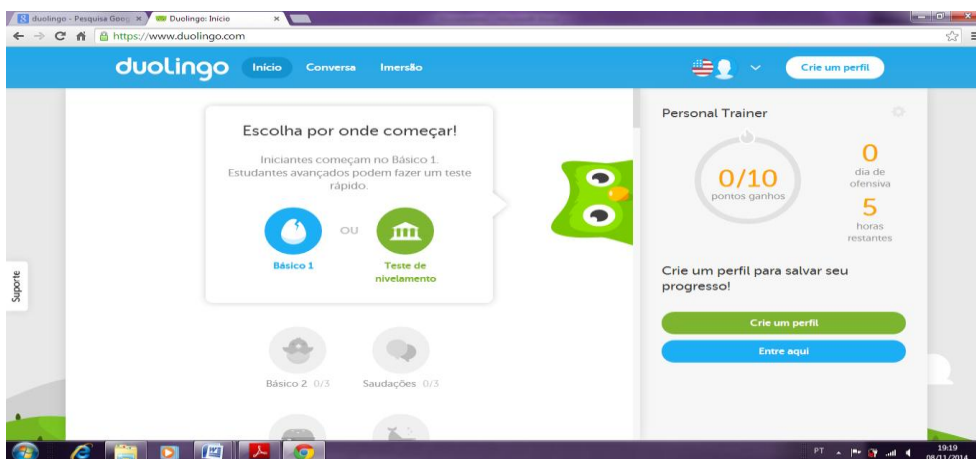
https://play.google.com/store/apps/details?id=com.duolingo&hl=pt_BR

ANEXO IV (Cadastro do aplicativo)



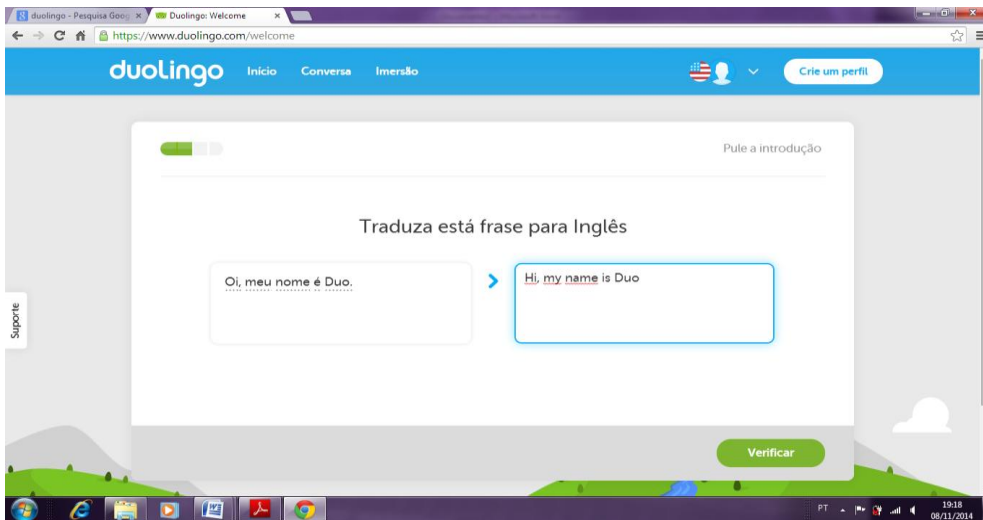
Fonte: <https://www.duolingo.com/skill/en/Basics-1/1>

ANEXO V (Teste de Nivelamento)



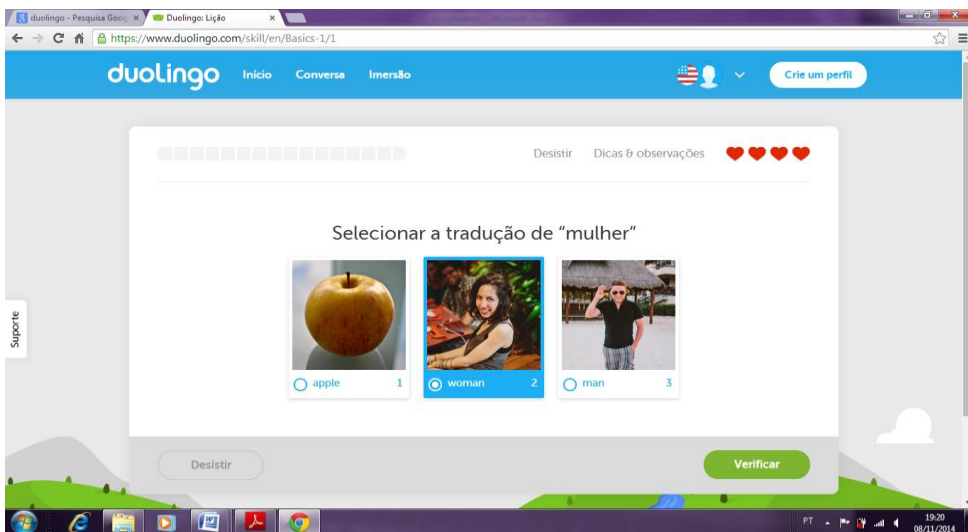
https://play.google.com/store/apps/details?id=com.duolingo&hl=pt_BR

ANEXO VI (Atividade do aplicativo *Duolingo*)



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.duolingo&hl=pt_BR

ANEXO VII (Atividade do aplicativo *Duolingo*)



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.duolingo&hl=pt_BR

